

A Microtoponímia da região de Balsas (Maranhão): um estudo ecolinguístico preliminar

The microtoponymy of the region of Balsas (Maranhão): a preliminary ecolinguistic study

*Maria Célia Dias de Castro**

** Universidade Estadual do Maranhão (Balsas)*

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo da microtoponímia da região de Balsas, numa reflexão preliminar que parte da ecolinguística, e investiga os nomes de lugares menores como povoados, vilas, fazendas, sertões. O foco principal é verificar as relações População, Território e Língua, em que se propõe que a microtoponímia em análise é influenciada pelo conjunto de relações que envolvem esse trinômio. Cabe identificar as que são mais reveladoras, considerando-se os nomes em relação a essa tríade e de que forma eles têm influenciado este processo na região. Faz-se a classificação (COUTO, 2007) mediante o levantamento dos microtopônimos, em Castro (2012).

Palavras-chave: Microtoponímia. Região de Balsas. Análise Ecolinguística.

Abstract: The objective of this study is to study the microtoponymy of the regions of Balsas (Maranhão), using the ecolinguistic framework. The main focus of the investigation is the relationships among People, Territory and Language. It is contended that these relationships determine to a great degree the place names chosen. The essay also consider to what extent they have influenced the whole region. For the theoretical foundations I recur to Couto (2007) and specifically for toponymy I resort to Castro (2012).

Keywords: Microtoponymy. Balsas region (MA). Ecolinguistics.

Introdução

A toponímia, ramo da onomástica, é o estudo sistemático dos fenômenos linguísticos relacionados aos nomes de lugares que tenta perceber os vários sentidos das relações referenciais do processo de escolha e atribuição desses nomes com os respectivos lugares que nomeiam ou designam. Esse estudo é de importância fundamental para conhecermos uma região e para uma melhor compreensão da língua, mais precisamente, do léxico local.

O processo de nomeação ocorre a partir da necessidade de o homem comunicar-se, de relacionar-se com seus pares, por meio da linguagem, afetando ou influenciando um ao outro. Em seguida, o homem interage com o meio ambiente, pela necessidade de situar-se, ação que prevê uma tríade relacional do sujeito denominador ou designador com o nome para acionar o mundo extralinguístico, como exemplo, o lugar denominado ou designado. Couto (apud NENOKI DO COUTO, 2013) informa-nos sobre esses dois aspectos interativos da linguagem, o dos indivíduos com o meio, em que se sobressaem as relações referenciais, e o dos indivíduos entre si, nas relações comunicacionais.

A microtoponímia, como o próprio nome já informa, é um ramo da toponímia que estuda os nomes dos lugares menores, nomes de pequenos aglomerados humanos situados em ambientes rurais, com poucas casas habitadas, sem independência administrativa, ou seja, lugares vinculados a um município, que têm como sede central uma cidade, conhecidos genericamente como “aldeias”, “cantos”, “chácaras”, “fazendas”, “lugarejos”, “povoações”, “povoados”, “sertões”, “sítios”, “vilarejos”, entre outros; estuda exatamente os nomes dos lugares geralmente mais afastados dos grandes centros, ou mesmo das cidades menores. Neste estudo, cabe principalmente o aspecto da linguagem em que os indivíduos acionam os microtopônimos para referirem-se ao meio ambiente que os cerca, mas com a certeza de que o fazem para comunicarem-se entre si.

O foco desta pesquisa é a região de Balsas, situada no sul do Maranhão, onde há uma grande variedade de nomes que designam elementos do meio ambiente como a água, as plantas, os animais, como também referem nomes de santos e de pessoas relacionados aos lugares, nomes que, de certo modo, representam o mundo espiritual do ambiente campesino, assim como o poder deixado pelo colonizador, registrando a vertente linguística e a cultura dele. A metodologia baseia-se na onomástica com uma fundamentação teórica ecolinguística. O *corpus* é de Castro (2012; 2013), que baseou-se no BNG/IBGE, do qual

muitos nomes foram verificados com visita às próprias localidades, assim como por meio de entrevistas com o homem do campo, conhecido na região pesquisada como “sertanejo”¹.

Inicialmente, discutimos sobre a ecolinguística, o léxico e a microtoponímia; em seguida, sobre as relações que vêm intrínsecas dos dados microtopônimos; por último, tecemos algumas considerações finais.

1 Ecolinguística, Léxico e Microtoponímia

A ecolinguística “é o estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos”², estuda essencialmente as relações entre língua e meio ambiente. O meio ambiente da língua, conforme Haugen (apud COUTO, 2007), é a própria sociedade formada pelos seus usuários. A esta investigação, interessa, sobretudo, a afirmação de Haugen de que “a definição de meio ambiente pode levar nossos pensamentos antes de tudo ao mundo referencial, para o qual a língua provê um índice”, em que esse mundo referencial é o ambiente do léxico e não da língua. Assim, a língua provê um índice, o léxico, para referenciar o mundo físico. Nesse índice lexical, inserem-se os termos que referenciam os pequenos lugares.

Acionamos a contribuição de Couto à ecolinguística com a noção de Ecologia Fundamental da Língua ou Ecossistema Fundamental/Fundacional da Língua (EFL), em que ele afirma que o ecossistema básico da língua é constituído de território (T), povo (P) e língua (L), e que as inter-relações entre esses três pontos são o meio ambiente físico, o meio ambiente social e o meio ambiente mental da língua, propostos por Jørgen Døør e Jørgen Chr. Bang que correspondem respectivamente aos termos *território*, *população* e *cérebro* ou *mente*, sugeridos por Couto.

Com base nesses postulados, podemos afirmar que o “meio ambiente” - que a priori tem a ver com as “inter-relações” e de imediato leva nosso pensamento ao mundo referencial - assim como o ambiente físico da língua³ são o meio ambiente do léxico. Como

¹ A princípio, os investigados para confirmação dos microtopônimos foram os sertanejos natos Heliodoro Sousa, Luís Carlos Silva Oliveira, Dalvina dos Santos Nunes e Osmar dos Santos. A continuidade do levantamento dos nomes será feita com base no Mapa Municipal Estatístico, Escala: 1 : 150.000 do IBGE, disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br>.

² Conceito atribuído pelos estudiosos da ecolinguística e apresentado por Couto (NENOKI DO COUTO, 2013) que substitui a definição de Einar Haugen de que a língua é o estudo das relações entre língua e meio ambiente, revisto, por ser este muito simplista.

³ Assim cunhado por Couto (2007), a que ele também denominou território (T).

já afirmado, o meio ambiente do léxico é o mundo referencial, e o meio ambiente da língua é o meio ambiente social, o mental e o físico. Mas é necessário lembrar que o léxico também refere esses três tipos de ambiente, dado seu carácter de referencialidade. Dessa forma, somos levados a considerar, para o meio ambiente do léxico, os elementos que fazem parte do meio ambiente físico, terreno ou território em que os membros vivem; do meio ambiente social, os seus membros organizados socialmente; e do meio ambiente mental, o corpo físico no qual está contido o cérebro, a mente, os quais, entre si, sustentam o emaranhado de inter-relações que constituem a língua. Pode-se então assegurar que o léxico possui um meio ambiente inserido no interior do ecossistema da língua e, para a ecolinguística, o léxico é o componente central, produtivo e dinâmico da língua; é a representação estrutural própria da gênese da língua.

A esse respeito, Couto (2007) afirma que é pelo léxico que a língua começa, só depois vindo a gramática; que o léxico é tão importante nas relações entre a língua e o meio ambiente que Sapir afirmou que é o vocabulário de uma língua, portanto, o léxico, na visão desse autor, que mais claramente reflete o ambiente físico e social de seus falantes. Aquele autor define o léxico como “o inventário de rótulos que os membros da comunidade criaram para os aspectos do meio ambiente que consideraram relevantes no processo de sua adaptação a ele e dele a si mesmos, bem como deles uns com os outros” (2007, p. 194) e acrescenta que o conjunto de palavras ativas constitui o chamado léxico real. Mas é necessário acrescentarmos que o vocabulário de uma língua também reflete o ambiente mental dos seus falantes, principalmente no momento da concepção/escolha lexical.

Lembremo-nos de que uma das necessidades primeiras do homem é a de situar-se física, social e mentalmente na interação com seus parceiros. Vem daí a premência de seu mundo referencial, que tão fortemente se manifesta na língua. O fato de o primeiro livro da Bíblia, o *Gênesis*, trazer em seus capítulos iniciais o aspecto da referenciação da língua como relação entre o homem e o mundo que deve dominar e denominar em todo o ato da criação expressa quão importante é esse fenômeno no sistema da língua⁴. Podemos dizer que a fonte onde se produz o mundo referencial por excelência é o ambiente físico, e o léxico se presta a referenciar e representar não somente esse ambiente físico, mas todo o meio ambiente da língua, o físico, o social e o mental, condição necessária na interação do homem com esse meio pela necessidade básica primeira de comunicar-se, e depois, de dominar esses referentes. Assim, além de o léxico estar relacionado a esses elementos

⁴ Mas a esse ato, o da criação, em que é ressaltada a referenciação pela necessidade que há dessa relação entre o homem e o meio ambiente, implica um processo anterior fundante, que é o das interações entre os próprios seres (no caso do *Gênesis*, divino-humano) que necessitam fazer uso dessa linguagem.

essencialmente para representá-los no ato linguístico de referi-los, ele se relaciona com o ambiente social por ser neste que as interações ocorrem e onde o léxico se consolida. Relaciona-se também com o ambiente mental por ser por intervenção do cérebro/mente que os conceitos de mundo são apreendidos, do que decorre a própria gênese ou concepção da linguagem, portanto, do léxico. Os elementos que compõem o ambiente físico como rios, morros, serras, os aglomerados humanos rurais e urbanos, os seres vivos que são etiquetados no índice lexical, podem ser nomeados ou designados de forma própria, individual, no ato comunicativo, para manter uma relação própria daquilo que referem.

Por meio dos nomes as coisas se tornam mais facilmente conhecidas, chamadas, referidas e identificadas, por meio deles adquirem mais visibilidade. São os nomes próprios que nomeiam, designam, identificam um objeto específico, seja uma pessoa, uma entidade geográfica, uma instituição, e os individualizam. Os nomes são a representação mais prototípica de que nos utilizamos para representar as diversas espécies que constituem o mundo físico, os de existência real, como os seres humanos em geral, as entidades geográficas do território (rios, morros, serras e outros), os corpos celestes; mais precisamente, os nomes próprios: as instituições (o Governo Federal); as cidades (Balsas, Sambaíba); os edifícios (Casablanca, Capitólio), entre outros.

Os microtopônimos são unidades básicas do léxico que identificam particularmente os pequenos lugares, que representam o mundo referencial físico e expressam linguisticamente conceitos apreendidos desse mundo físico-geográfico, social e mental, por meio de nossas experiências sensoriais que se convencionam socialmente na língua pelos usuários, através do uso; denominam ou designam elementos do meio ambiente físico como os terrenos ocupados ou percebidos, em que os membros de uma comunidade linguística vivem e interagem e nos quais experimentam uma cadeia de inter-relações. Já a mente, contida no corpo físico que é o cérebro humano e que constitui o meio ambiente mental, é responsável pelas escolhas que acionam as formas da língua necessárias para representar as coisas do mundo ou os estados de coisas, na interação, e essas escolhas, além de concretizarem-se socialmente, nem sempre são elencadas de forma tão arbitrária - como antes foi tão pensado e ainda continua a ser discutido - principalmente no momento da concepção do nome.

Podemos resumir em tópicos, como características dos (micro)topônimos, que eles estabelecem uma relação significativa entre a forma linguística e o lugar; possuem um referente real⁵; têm função de individualização; são representações linguísticas de pontos de referência; são termos de referência com função de representação territorial delimitadora; possuem função indicativa/indiciária dos referentes; devem seguir os padrões da outra dimensão da língua, os da gramática; possuem caráter multilíngue; carregam evidências de

⁵ Também podem representar um referente fictício: o Super Homem, o Jardim do Éden, a Manguta.

eventos históricos; exercem função nominativa no ato comunicativo, não exatamente função vocativa; sofrem variação e mudança; podem ser considerados palavras-chave de uma cultura (CASTRO, 2012).

Defendemos, de acordo com o ponto de vista da ecolinguística, que, para além de os topônimos identificarem seus referentes como também os significarem, essa identificação e significação expressas na forma do nome partem das inter-relações entre a realidade física, o meio ambiente do léxico e as concepções mentais, o meio ambiente mental, que compõem a realidade dos denominadores ou designadores exatamente pela necessidade primeira desses termos lexicais na interação social humana, o meio ambiente social. Vê-se, portanto, que o processo de concepção da linguagem é tecido em forma de rede ou teia, num entrelaçamento, formando uma sucessão de eventos organizados até gerar a forma estruturada de linguagem.

Dito isto, tentamos, a seguir, demonstrar essas inter-relações na microtoponímia da região de Balsas.

2 Discussão dos Dados

Os aglomerados humanos da região de Balsas foram classificados genericamente de acordo com as características que lhes são peculiares na aceção dos habitantes desses lugares, o sertanejo local⁶: “aldeia”, conhecida como geralmente de origem remota, antes habitada por povos indígenas; “assentamento⁷”, a terra onde se situam tem origem devoluta ou desapropriada; “chácara”, destinada mais ao lazer, casa de campo; “fazenda”, possui produção em grande escala de gêneros agropecuários destinados à venda; “povoado”, povoou-se naturalmente, aglomerado rural com maior densidade humana; “região”, formada por vários aglomerados rurais menores, referencia geralmente um acidente hidrográfico; “sertão ou localidade”, a produção satisfaz mais às necessidades básicas, quase nada é destinado à venda; “sítio”, localidade com características próprias para a fruticultura. Esses aglomerados possuem muitos elementos em comum, pelo fato de serem um ambiente campesino semelhante nos aspectos de clima, relevo, fauna, flora; pelo tipo de

⁶ Para essa aceção, consultamos dois sertanejos natos, o também sertanista Heliodoro Sousa e o sindicalista Luís Carlos Silva Oliveira.

⁷ Os assentamentos são geralmente regidos por Associações, núcleo organizacional de camponeses, conhecidos nesta região como sertanejos, que se confunde com o próprio povoamento rural, em que eles se unem para desenvolverem atividades agropecuárias e se mantêm coesos, graças a procedimentos e também sanções que aceitam e aprovam de forma consciente e racional. Núcleo regido por meio de estatuto próprio com o fim de explorar atividades agropecuárias.

atividade econômica desenvolvida pelos seus habitantes, atividades elementares como a caça e a pesca, ao mesmo tempo em que desenvolvem atividades mais elaboradas como a pecuária e a agricultura mecanizada; pela cultura vivenciada pelos seus habitantes como as festas sociais, a religiosidade, as crenças, enfim, um tipo comum de vida, a do povo do sertão⁸.

Partindo do fato de que a ecolinguística é o estudo das interações verbais que se dão nos ecossistemas linguísticos, ou mesmo o estudo das relações entre língua e meio ambiente, a língua pode exercer influência sobre o meio ambiente, assim como o meio ambiente pode fazê-lo com a língua. Mais apropriado é afirmar que língua e meio ambiente mantêm uma relação de mutualidade, interpenetram-se, na concepção do léxico toponímico. Os caracteres geográficos físicos, biológicos, mentais e sociais, por exemplo, são elementos intrínsecos à linguagem microtoponímica, transparecem na superfície da língua em associação, sempre em interação um com o outro.

Nesse sentido, elaboramos quadros-fonte a que denominamos “Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos” que estão organizados conforme as maiores inter-relações acionadas para a forma da língua, nas classes de aglomerados rurais. Desses quadros-fonte, derivam imediatamente dois outros tipos de quadro: o de “Especificação dos elementos que motivam os microtopônimos dos aglomerados rurais humanos”, em que são evidenciados os elementos acionados na categoria selecionada; e o de “Representação em percentuais dos microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos”, que demonstram os percentuais quantitativos do tipo de meio ambiente mais acionado em cada classificação. Primeiramente, apresentamos as classes que referenciam os tipos de espaço no próprio título do quadro. Em seguida, os microtopônimos e o tipo de relação do ecossistema da língua, seja do meio ambiente físico, do mental ou do social, com traços mais marcantes na forma do nome, salientando-se que um mesmo nome, apesar de classificado só num tipo de ecossistema, pode ter traços semânticos de mais de uma classificação, posto que a língua é essa teia, esse sistema de interações. Por questões práticas, mostramos apenas os modelos dos quadros e gráficos, porém trazemos e discutimos os resultados dessa tabulação, conforme segue.

Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos “assentamentos”.

⁸ O termo “sertão” é aqui tomado na acepção de terra e de povoação do interior, neste caso, do sul do Maranhão, afastadas dos núcleos urbanos, ligadas à criação do gado e à agricultura familiar, onde permanecem tradições e costumes antigos.

MICROTOPÔNIMO	ECOSSISTEMA FUNDAMENTAL DA LÍNGUA		
	AMBIENTE FÍSICO	AMBIENTE SOCIAL	AMBIENTE MENTAL
Barra da Aldeia	X		
Brejo Grande	X		
Buritirana	X		
Caracol	X		
Gado Bravinho	X		
Lagoa do Belém	X		
Monte São			X
Sucupira	X		

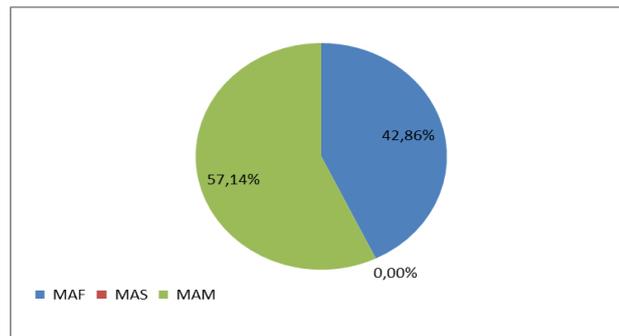
Fonte: pesquisas da autora.

Especificação dos elementos que motivam os microtopônimos dos aglomerados rurais humanos “assentamentos”.

ESPECIFICAÇÃO	MAF	MAS	MAM
Formas Geográficas	2		
Fontes	3		
Vegetais	2		

Fonte: pesquisas da autora.

Representação em percentuais dos microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos “assentamentos”.



Fonte: pesquisas da autora.

No quadro “Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos ‘assentamentos’”, *Barra da Aldeia, Brejo Grande, Buritirana, Caracol, Gado Bravinho, Lagoa do Belém, Monte Sião, Sucupira, Santo Amaro, São Raimundo, São Félix, São Pedro, Santa Luzia, Rio Peixe, São José, Santo Antônio, São Pedro, São Cardoso, Todos os Santos, Vida Nova, Terra Viva*, do total geral de 21 microtopônimos selecionados, 52% acionam a religiosidade, que somada aos conceitos filosóficos, perfazem o percentual geral de 57,14% para o MAM. Os elementos mais constitutivos do meio ambiente natural como as fontes (14%), as formas geográficas (9,5%), os vegetais (9,5%), os animais (9,5%) perfazem um total geral de 42,86% para o MAF. Este resultado revela que o homem aciona mentalmente a espiritualidade como elevação que se revela na forma da língua para apoiar na resolução de problemas, para conseguir elementos físicos básicos de sobrevivência que é o próprio lócus para habitar.

O quadro “Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos ‘povoamento/loteamento’”, embora contenha apenas um microtopônimo até este momento da pesquisa, *Vale do Jenipapo*, é bastante peculiar por representar uma forma diferenciada de instauração de aglomerado humano rural. Os povoadores desse aglomerado eram, a princípio, habitantes da cidade. Organizaram-se, então, numa associação e resolveram, por iniciativa própria, principiar um assentamento⁹ em uma localidade que ainda pertence à

⁹ Esse tipo de ocupação também é conhecida como invasão, por ser uma área rural ocupada pelos moradores de forma ainda ilegal.

EMBRAPA, cujo nome registrado é *Posto Agropecuário*. Para essa localidade, ocupada em outubro de 1995, atribuíram o nome que aciona a forma de relevo *vale* e o de origem Tupi vegetal *jenipapo*.

O quadro “Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos “chácara”, *Côco Verde, Nossa Senhora de Guadalupe, Divino Espírito Santo, Folha Larga, Nossa Senhora Aparecida, Paraíso, Rainha da Paz, Santa Luzia, São José* teve uma bem maior representação linguística da espiritualidade religiosa 77,78% (MAM), enquanto o MAF foi representado com o percentual de 22,22%. Os aglomerados classificados com o genérico “chácara” geralmente são criados para o lazer, nem sempre tendo um surgimento espontâneo pelo homem verdadeiramente sertanejo, que vive do campo. Assim, possuem chácaras pessoas urbanas que por motivos variados - dentre eles o de possuir um lugar tranquilo, que lhes possibilite um maior contato com a natureza - adquirem uma área de terra não muito distante da cidade em que vivem. Neste primeiro levantamento de nomes, os microtopônimos inclusos nesta classificação aparecem em menor quantidade em relação ao genérico “fazenda”.

Os tipos de representação linguística “Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos “fazendas”, *Aldeinha, Alegrete, Amaro Leite, Araçá, Baixão, Bandeira, Bebedouro, Boi Liso, Bom Sossego, Boto, Brejão, Brejinho, Brejo Alegre, Brejo Bonito, Brejo da Catinga, Brejo do Talo, Cabeceira Grande, Cachoeira, Campestre, Canaã, Canto Grande, Castelo, Certeza, Cocal, Cocos, Correntinho, Estiva, Faceiro, Faveira, Ferrugem, Galheiro, Gameleira, Gia, Ingá, Jatobá, Lages, Lagoa Comprida, Laginha, Lagoa Grande, Laranja, Liberdade, Limpeza, Malhadinha, Márcia, Maribondo, Mato Escuro, Mosquito, Muquém, Ouro, Pati, Porto da Tomázia, Prata, Prazeres, Raiz, Rancharia, Recurso, Retiro, Riachinho, Salobro, Salto, Santa Rita, São Gabriel, São Bento, São Gregório, São José, Seriema, Serrinha, Serra Vermelha, Solta, Sossego, Sucruíú, Tabocas, Temerante, Torre da Lua, Varjão, Vazante, Veado, Veredão, Xupé*, até o presente momento da pesquisa, têm sido os mais recorrentes.

Primeiramente, por representarem o tipo de organização humana e a atividade econômica predominante na região, a agricultura com o cultivo de soja, sorgo e milho, principalmente para a exportação. Na classificação MAF, que perfaz o total de 60,76% do resultado geral do gráfico, as subclassificações mais recorrentes foram a de “vegetais”, com 32% (16) do total das 49 recorrências do MAF e 20,25% do total de recorrências do quadro geral; em seguida, a subclassificação “fontes”, com 24,5% do total das recorrências do MAF e 15,2% do total de recorrências do quadro geral; “minerais” com 10,20% do MAF e 6,33% do total geral do gráfico; em terceiro lugar, vem a categoria “animais” com 20,40% (9) na subclassificação MAF e 12,65% do total geral do quadro; “formas de relevo” com 8% do MAF e 5% do total do quadro; e “astros” (MAF) com 2,04 do MAF e 1,27% do total geral do gráfico. Na classificação MAM, que perfaz o total de 20,25% do resultado geral do

gráfico, as subclassificações mais recorrentes foram “concepções” com 62,50% da categoria MAM, e 11,40% do total geral do quadro; “religiosidade”, com 33,50% da categoria MAM e 7,59% do total geral do quadro. Na classificação MAS, que perfaz o total de 18,99% do resultado geral do gráfico, as subclassificações mais recorrentes foram “cultura material” com 50% do MAS e 7,59 do total geral do gráfico; “habitações” com 41,7% do MAS e 6,33% do total geral do gráfico; “atividades sociais” e “nomes de pessoas” com 16,7% do MAS e 2,5% do total da quadro, respectivamente. Nesta classificação, os microtopônimos representam escolhas que referem o MAF, com 60,76% do total de nomes. Em seguida, aparecem os nomes que acionam o MAM, com 20,25%. O MAS é representado nesse léxico microtoponímico de forma menos recorrente, com 18,99% do total de 79 microtopônimos levantados nesta categoria.

No quadro “Microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos ‘povoados’”, *Aldeia, Água Branca, Angelim, Baixa Funda, Barra do Côco, Batavo, Boa Esperança, Boa Vista, Bebedouro, Brejão, Brejo da Roça, Brejo do Cavalo, Cajueiro dos Macedos, Cocal, Coroatá, Correios, Estiva, Extrema, Ferreira, Flor do Tempo, Gado Bravinho, Grotões, Ilha do Côco, Lagoa, Mato Seco, Monte Alegre, Passagem da Ponte, Passagem Funda, Peba, Porto do Izidoro, Quebra Côco, São Pedro, Todos os Santos, Vargem Limpa*, os elementos que compõem a classificação MAF são “fontes” e “vegetais” que representam 31,58% do MAF e 17,65% respectivamente do total geral do gráfico; as “formas geográficas” representam 26,32% do MAF e 14,7% do total geral do gráfico; “animais” representam 10,53% de MAF e 5,88% do total geral do gráfico. Os elementos que compõem a classificação MAS são “cultura material” com 15,79% do MAS e 8,82% do total geral do gráfico; “pontos de encontro” e “comunicação urbana-rural” com 10,53% cada do MAS e 5,88% do total geral do gráfico; “etnia” e “nomes de pessoas” representam 10% do MAS cada e 2,94% do total do quadro. Os elementos mais constitutivos do MAM são a “concepções” com 60% do MAM e 8,82% do total geral do gráfico; “religiosidade” com 40% do MAM e 5,88% do total geral do gráfico. O gráfico apresenta-se com 55,88% das ocorrências no MAF, 29,41% no MAS e 14,71% no MAM, num total de 34 ocorrências.

Os “microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos sítios” *Água Boa, Mundo Novo, Sítio Novo* apresentam uma ocorrência para cada subclassificação e são pouco representados pelas mudanças que foram ocorrendo no meio ambiente físico e social da região, com um novo modelo econômico que vem sendo implantado na agricultura local, desde a década de setenta. Esse novo modelo faz uso da mecanização e possui um processo bastante competitivo de produção em grande escala, enquanto a agricultura familiar tem perdido espaço para aquele e com ele não tem tido condições de concorrer. Assim, o homem sertanejo, acostumado a plantar utilizando somente o adubo natural da terra, foi tendo sua produção a cada dia mais suscetível a pragas e às intempéries da natureza. Por

esse motivo, ele tem-se visto obrigado a vender suas terras para os grandes agricultores, do que tem gerado o aumento das enormes fazendas de soja e a diminuição dos conhecidos sítios de outrora.

Os “microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos sertão/localidade” *Por Enquanto, Vão da Salina, Vão Grande I, II, III, IV, Vão da Vargem* são representados com 03 ocorrências para o MAF e 01 ocorrência para o MAM. Ele representa o fim de um modo de vida simples e modesto, praticamente sem um sistema de produção, a do homem que se utiliza quase sempre da terra somente o necessário para sobreviver. As casas desse tipo de localidade são bastante rudimentares e o que se sobressai na paisagem física são mesmo as formas naturais de relevo.

Os “microtopônimos que referenciam os aglomerados rurais humanos regiões” *Angelim, Alto Gerais, Bacaba, Balsinha, Baixo Gerais, Belém, Buritirana, Buritizinho, Cabeceira do Balsinha, Cocal, Correios, Cachoeira, Cajueiro dos Macedos, Extrema, Ilha do Balsinha com o Rio Balsas, Limpeza, Médio Gerais, Ouro, Prata, Serrinha, Vão da Aldeia, Tomázia* possuem 61,90% das ocorrências inseridas na modalidade MAF; 14,29%, na classificação MAS; e 23,81% na classificação MAM. Os “vegetais” perfazem 46,15% da subclassificação MAF e 28,57% do total geral da subclassificação “regiões”; “fontes” com 23,08% de MAF e 14,29% do total de “regiões”; em seguida, os “minerais” e as “formas geográficas” com 15,38% cada um em relação ao MAF, e 9,52% em relação ao total desta subclassificação. Em segundo lugar, a categoria “concepções” com 100% de recorrência no MAM e 23,81% no total da subclassificação “regiões”. No MAS, “cultura material”, “nomes de cidades” e de “pessoas”, com 33,3% da subclassificação no MAS e 4,76% do total geral do quadro “regiões”, respectivamente.

No percentual de cada subsistema do ecossistema fundamental da língua (EFL) dos seis gráficos, os microtopônimos foram representados em primeiro lugar, com o percentual de 48,44% de nomes que acionam o MAF; segundo, com o percentual de 38,04% de nomes que acionam o MAM; por último, o MAS, com 13,62%.

Neste ponto, retomemos a hipótese Sapir-Worf, que propõe que a nossa visão de mundo ou pensamento é determinada (versão radical) ou direcionada (versão moderada) pela nossa linguagem. Certamente, e de acordo com a maioria dos estudiosos atuais, a versão forte dessa hipótese está fora de discussão. Mas é possível que nossa língua de certa forma direcione o modo de ver o Mundo? Somos de acordo que a nossa cultura e a nossa língua podem influenciar a forma de percebermos o mundo. As classificações dos aglomerados rurais humanos da região, como conhecidas pelos sertanejos, demonstram que eles percebem pequenas diferenciações que não são tão perceptíveis por pessoas que vivem distante da realidade do sertão. É interessante reconhecer, nas interações dos sertanejos, as

diferenças existentes entre os aglomerados rurais “assentamentos”, “chácaras”, “fazendas”, “povoados”, “sítios”, “regiões” e “sertões/localidades”, como conceituado antes.

A ecolinguística admite as relações entre língua e pensamento e concorda que existe pensamento sem linguagem assim como aceita parcialmente que nossa língua, de certa forma, direciona o modo de ver o mundo (COUTO, 2007). Isso ocorre porque a cultura linguística do indivíduo o direciona para perceber e denominar as coisas, posto que essas informações já se encontram internalizadas, como ocorre com os genéricos que são acionados para representarem os lugares. Entretanto, mais fortemente percebemos a influência do meio ambiente sobre a língua, principalmente nos microtopônimos, por representarem estes, em sua maioria, os elementos do meio ambiente natural ou físico, na superfície da língua.

No que diz respeito às especificações de cada subsistema, os nomes de autoridades religiosas ou santos contribuíram de forma significativa nos percentuais do MAM. Este resultado revela que o homem aciona mentalmente a espiritualidade como transcendentalidade, sublimidade, condições ou estados metafísicos teológicos que se revelam na concepção da forma da língua, como apoio para o enfrentamento de problemas da desterritorialidade com o fim de conseguir elementos físicos básicos de sobrevivência, o próprio *locus* para habitar.

Enfim, os percentuais médios gerais revelam que o meio ambiente físico (MAF) tem uma preponderância significativa sobre os demais, do que se pode confirmar¹⁰ com bastante segurança que os nomes dos lugares menores, portanto, dos microtopônimos, formam um conjunto lexical cujo estudo, na sua essência, requer uma teoria ecolinguística, e que este estudo das relações entre língua e meio ambiente revela o caráter peculiar que tem o meio ambiente de influenciar a linguagem de seus habitantes, de modo bastante preciso neste caso, a linguagem do sertanejo balsense.

Considerações Finais

Alguns princípios que norteiam a pesquisa ecolinguística foram observados, como o fato de os dados revelarem elementos que os inserem como nomes que portam traços característicos que os classificam não somente numa subcaterização, mas que a escolha é feita com base na proeminência desses traços nos dados, revelando que a língua funciona

¹⁰ Castro (2012) percebeu a recorrência de nomes do estado do Maranhão que acionavam em sua maioria os nomes que referem o meio ambiente natural não só na microtoponímia que foi acionada com exemplos aqui estudados, como também com os nomes dos municípios maranhenses.

como uma teia, uma rede de inter-relações, numa visão de totalidade. Apesar de os dados terem sido selecionados, em sua maioria, de uma fonte documental, ainda assim a compreendemos um recurso à disposição das interações, na língua. Esta, neste caso os termos genéricos e os microtopônimos, envolvem atividade, criatividade, modificam-se continuamente, num constante processo de dinamicidade como também revelam grande diversidade intralinguística. A relação que mais desperta a atenção nos dados é a que transparece entre língua e meio ambiente físico, quer seja para denominar ou designar o meio, quer para mostrar a forma como o homem se organiza socialmente no meio em que habita. Assim, o conceito e os princípios de ecolinguística são evidentes e transparecem na forma dos microtopônimos da região de Balsas, sul do Maranhão.

Referências

CASTRO, M. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. 2012. 474 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

NENOKI DO COUTO, E. K. N. *Ecolinguística: um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.

SAPIR, E. *Língua e Ambiente* (1969). *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

MARIA CÉLIA DIAS DE CASTRO

Professora efetiva na Universidade Estadual do Maranhão (Balsas). Possui pós-doutoramento em Linguística pela UnB. E-mail: celialeitecastro@hotmail.com.